

MACHADO DE ASSIS EM FRANCÊS:
LATINIDADE E QUESTÕES RACIAIS NA PRIMEIRA RECEPÇÃO DA OBRA MACHADIANA NA FRANÇA

MACHADO DE ASSIS EN FRANÇAIS:
LATINITE ET QUESTIONS RACIALES DANS LA PREMIERE RECEPTION DE L'OEUVRE DE MACHADO DE ASSIS EN FRANCE

Raquel Campos*
raquelmgcampos@ufg.br

RESUMO: O objetivo deste artigo é examinar o primeiro contexto de recepção da obra de Machado de Assis na França, no início dos anos 1910. Naquele momento, a Garnier Frères fez publicar *Quelques contes* (1910), tradução de *Várias histórias* (1896), e *Mémoires posthumes de Braz Cubas* (1911), tradução do romance de 1881. Argumenta-se que a editora aproveitou-se de dois acontecimentos conexos: a Festa da intelectualidade brasileira, ocorrida em abril de 1909 na Universidade da Sorbonne, e a publicação, em setembro do mesmo ano, do volume *Machado de Assis et son oeuvre littéraire*. Por meio da análise dessas obras e da repercussão da “Festa” na imprensa brasileira e na francesa, procura-se discutir a construção da figura do autor de *Brás Cubas* como um “escritor latino” na França. Ao fazê-lo, busca-se demonstrar que a “latinidade” de Machado de Assis não deixava de colocar questões raciais.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução e circulação de Machado de Assis; Literatura e imprensa; Raça e racismo.

RÉSUMÉ: L'objectif de cet article est d'examiner le premier contexte de réception de l'œuvre de Machado de Assis en France, au début des années 1910. À cette époque, la maison Garnier Frères a fait publié *Quelques contes* (1910), traduction de *Várias histórias* (1896), et *Mémoires posthumes de Braz Cubas* (1911), traduction du roman de 1881. Je soutiens que l'éditeur a profité de deux événements connexes : la Fête de l'intellectualité brésilienne, qui a eu lieu en avril 1909 à l'Université de la Sorbonne, et la publication, en septembre de la même année, du volume *Machado de Assis et son oeuvre littéraire*. Par l'analyse de ces œuvres et de l'écho de la "Fête" dans la presse brésilienne et française, je cherche à discuter de la construction de la figure de l'auteur de *Brás Cubas* comme un "écrivain latin" en France. Ce faisant, l'objectif est de démontrer que la "latinité" de Machado de Assis, en particulier, et des auteurs latino-américains, en général, impliquait la prise en compte de questions raciales.

MOTS-CLÉS: Traduction et circulation de l'oeuvre de Machado de Assis; La littérature et le journal; Race et racisme.

Há um documento incontornável para a história da tradução das obras de Machado de Assis em outras línguas; trata-se da carta remetida pelo escritor a seu editor, Hippolyte Garnier, em 10 de junho de 1899. Nela, Machado de Assis (2011, p. 378) contou a Garnier haver recebido um pedido para tradução de suas obras para o alemão e pediu-lhe que concedesse autorização para tanto. Isso se explicava pelo fato de o escritor haver transferido

* Doutora em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás (UFG).

ao editor a propriedade de todos os seus livros até então publicados. Mas o interesse particular desta correspondência não se esgota – e talvez não resida especialmente – nessa evidenciação do papel de intermediário entre tradutor e editor, assumido aí por Machado de Assis. O que realmente chama a atenção é o fato de o autor de Brás Cubas empenhar-se abertamente na tradução de seus livros, buscando mesmo convencer Garnier a facilitar o processo. Assim, ele lhe esclareceu que, de sua parte, não exigiria nenhum pagamento, por considerar que era já uma vantagem fazer-se conhecido em uma língua estrangeira, que tinha um mercado diferente e tão distante do brasileiro. Ele acrescentou ainda que considerava a tradução uma vantagem também para o próprio Garnier. Por fim, informou sobre a potencial tradutora – justamente a autora da demanda – Madame Alexandrina Highland, procurando indicar que ela saberia fazer um bom trabalho.

Acontece, porém, que tal entusiasmo esteve longe de ser compartilhado por Hyppolite Garnier. Muito pelo contrário. Em sua resposta, datada de 08 de julho de 1899, o editor discordou frontalmente de Machado de Assis, sustentando que “um autor, ainda que bem traduzido, perde sempre sua originalidade quando dado em uma língua diferente da sua; os admiradores de um escritor preferem lê-lo em sua língua-mãe”. E fulminou: “Você não tem nada a ganhar em ser traduzido em alemão” (in: Machado de Assis, 2011, p. 387-388).

A depender de Hyppolite Garnier, portanto, Machado de Assis não deveria alimentar grandes esperanças de se ver publicado em outras línguas. Totalmente insensível ao empenho do autor, o editor não só respondeu ríspida e negativamente ao pedido de gratuidade do direito de tradução, como se mostrou pouco aberto à própria ideia de verter a obra machadiana para idioma estrangeiro. A se crer nele, seria preciso esperar que nativos de línguas estrangeiras aprendessem o português, para poder ler e apreciar a literatura de Machado de Assis.

Felizmente para o autor de Dom Casmurro, essa má-vontade de seu editor não impediu o início do movimento de tradução de sua obra, cujo primeiro momento ele pôde testemunhar ainda em vida, com a tradução, em 1902 e para o espanhol, do romance Memórias póstumas de Brás Cubas, publicado em Montevideu – segundo Jacqueline Penjon (2023, p. 3), sem pedido de autorização junto a H. Garnier.

Na sequência, foi justamente para o francês – e por obra da própria editora de Hyppolite Garnier! – que se traduziu um livro de Machado de Assis. Pois foi a Garnier Frères quem patrocinou a publicação de *Quelques contes*, versão de *Várias histórias*, livro com o qual se iniciou a história da circulação das obras machadianas na língua de Victor Hugo.

Neste artigo, pretendo me deter nesse momento inicial da história da tradução e circulação da obra machadiana na França: a década de 1910, com a publicação de *Quelques contes* e de *Mémoires posthumes de Braz Cubas*. O objetivo aqui é discutir o modo como Machado de Assis foi apresentado ao público francês, destacando-se sua inscrição no universo da latinidade. Procurarei demonstrar que essa interpretação levantava controversas questões de ordem racial – em geral pouco discutidas até o momento.

Quelques contes e Mémoires posthumes de Braz Cubas

Quelques contes e *Mémoires posthumes de Braz Cubas* foram publicados em um curto intervalo de tempo. A tradução de *Várias histórias* saiu, como adiantei, em 1910, ao passo que a da autobiografia de Brás Cubas veio à luz no ano seguinte, em 1911¹.

Publicada originalmente em 1896, a coletânea *Várias histórias* conta com alguns dos contos mais conhecidos e elogiados de Machado de Assis, como “A cartomante”, “Um homem célebre”, “A causa secreta”, “O enfermeiro”. Todas as suas dezesseis narrativas curtas foram mantidas na tradução para o francês. O volume manteve ainda o curto prefácio original, da pena do autor, e contou também com um Prefácio do tradutor, Adrien Delpech, conforme se pode constatar por meio do Índice (Machado de Assis, 1910, p. 321-322). Já da tradução do romance de 1881 foram excluídos o “Prólogo da terceira edição”, de 1896, assinado por “M. de A.”, e a “Dedicatória” ao “Verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver”, mantendo-se apenas o prefácio “Ao leitor”, da pena do próprio Brás Cubas (Machado de Assis, 1911, p. V-VI). Além disso, o capítulo CXXX foi incorporado ao capítulo CXXIX, fazendo com que em francês o romance contasse com cento e cinquenta e nove – e não cento e sessenta capítulos (Penjon, 2023, p. 7). Registre-se ainda que, embora traduzido também por Delpech, *Mémoires posthumes de Braz Cubas* não trouxe nenhum texto introdutório de sua autoria.

¹ As duas traduções encontram-se atualmente disponíveis na *Gallica*, a biblioteca digital da *Bibliothèque Nationale de France*, a BNF.

Assim, alguém que decidisse ler este autor brasileiro recém-lançado em francês encontraria, inicialmente, ao menos um novo paratexto enquadrando sua leitura, apresentando-lhe Machado de Assis. Entre o leitor e a literatura machadiana, impunha-se o filtro da interpretação proposta por Adrien Delpech. Mas quem era esse primeiro tradutor de Machado para o francês?

Conforme indicado por Marie-Helène Catharine Torres (2020, p. 114-115), Delpech nasceu na Bélgica em 1869 e chegou ao Brasil em 1896. Ele foi professor de francês e de sociologia no Colégio Pedro II – rebatizado por alguns anos de Ginásio Nacional. Também se tornou escritor, tendo sido autor de romances sobre o Brasil, escritos em francês. Tornou-se muito bem relacionado nos meios intelectuais e mundanos do Rio de Janeiro, a ponto de seu nome figurar com alguma frequência, nos anos 1910, nas páginas das colunas sociais, conforme se pode constatar por meio de uma pesquisa em jornais desse período na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional².

O prefácio de Delpech para *Quelques contes*, datado de 06 de fevereiro de 1910, é bastante longo: tem vinte e cinco páginas. Apesar dessa extensão, chama a atenção a ausência de um esforço de apresentação de Machado de Assis para o público francês. O texto dá a impressão de se dirigir a leitores que já saberiam, de antemão, quem era o escritor brasileiro, uma vez que não são oferecidos quaisquer de seus dados biográficos – nem mesmo os mais básicos, como suas datas de nascimento e morte. Do mesmo modo, sua nacionalidade é informada sem um destaque particular e não é mencionado o título de nenhuma de suas outras várias obras.

Na primeira parte de seu Prefácio, Delpech se dedica a traçar a fisionomia literária de Machado de Assis, apresentado de saída como alguém que se consagrou ainda jovem e morreu velho. O tradutor repete os termos de José Veríssimo, salientando que Machado foi “um escritor de exceção”, que soube se manter à parte de todas as escolas literárias – em particular do Romantismo e de sua propensão a “longos períodos redundantes” e à descrição grandiloquente da natureza. Ele especula que talvez tenha vindo daí mesmo a notoriedade do escritor, que não deveria ser confundida com popularidade. Machado de Assis, escreveu Delpech (1910, p. VIII), reafirmando um lugar-comum da crítica machadiana daquele período,

² Foram consultados *O Paiz*, *Jornal do Brasil*, *O Imparcial*, *Jornal do Commercio*, *Revista da Semana*, *Gazeta de Notícias* e *A Noite*.

não era um escritor popular, bem longe disso; ele “não tem nada do que agrada ao grande público”. Mas essa seria uma vantagem: permanecer o favorito de uma elite seria uma garantia de sobrevivência.

Delpech também destaca os dons de observador e de psicólogo de Machado de Assis, não deixando de salientar seu pouco interesse pela paisagem. Ele seria alguém curioso unicamente dos caracteres e das paixões. “Se, vez por outra, ele se digna a olhar a natureza pelos olhos de algum de seus personagens, é sempre de uma maneira sumária e para dar melhor acabamento à pintura de um estado de espírito” (Delpech, 1910, p. XV) – o que devia certamente desagradar ou ao menos causar estranheza ao autor do *Roman brésilien: mœurs exotiques*, livro que Delpech publicara em 1904.

Na sequência, continuando a traçar sua interpretação de Machado de Assis, Delpech se põe a discutir uma das passagens do texto que Oliveira Lima publicara, em 1909 e em francês, sobre o autor de *Brás Cubas*. Ele o faz sem dar maiores informações sobre Oliveira Lima, indicando apenas que ele frequentara muito Machado de Assis e escrevera sobre este um estudo substancial. Em seu diálogo com o diplomata e historiador, Delpech delineia muito mais sua própria concepção de literatura do que se detém em Machado de Assis. Este reaparece ao final dessa discussão, depois de seis páginas, apresentado como alguém que, “preocupado com os caracteres, soube particularizá-los pelos atos de seus personagens”. Por isso é que não seria adequada a afirmação de Oliveira Lima de que os personagens machadianos podiam ser seres de qualquer época. Eles eram, sustentou Delpech, não só brasileiros, como “brasileiros do tempo do Império, contemporâneos do Marquês de Abrantes e de Maranguape” (Delpech, 1910, p. XXIV-XXV). Quem eram Marquês de Abrantes e Maranguape? O que significava ser contemporâneo deles? O tradutor não o esclarece.

Nas últimas duas partes do “Prefácio”, ele faz um breve comentário sobre o conto “Viver!” e expõe sua concepção de tradução, por meio de uma citação de Anatole France. Seu personagem Paul Vence declarara, em *Le lys rouge*: “Há belas traduções, talvez; não as há fiéis” (In: Delpech, 1910, p. XXVII).

Por meio dessa tanto quanto possível detalhada apresentação do Prefácio de Adrien Delpech para *Quelques contes*, pode-se constatar que o tradutor não se preocupou sequer em oferecer ao leitor francês informações básicas que lhe permitiriam conhecer e situar melhor um escritor estrangeiro. Muito menos parece ter se preocupado em atrair esse leitor, seduzi-

lo, convencê-lo do interesse de ler aquela obra específica. O Prefácio assume mais a forma de um texto crítico, como procurei indicar, de uma interpretação destinada à leitura de um público que estaria já razoavelmente familiarizado com a obra machadiana. Talvez isso se deva, em parte, ao fato de que Machado de Assis frustrava as expectativas básicas de um leitor francês a respeito de uma literatura brasileira, como se pode deduzir das referências de Delpech à pouca atenção do escritor à natureza ou à paisagem.

O texto do tradutor tampouco oferece elementos para esclarecer as razões para a própria tradução de uma coletânea do escritor brasileiro. Por que a Garnier Frères decidira-se a patrocinar, naquele momento, a publicação de Machado de Assis em francês? O que mudara, de 1899 a 1910, para que a editora passasse de obstáculo a promotora de sua internacionalização?

De um lado, como mostrou Lúcia Granja (2018, p. 29), há o fato de que a Garnier já não estava sob a direção de Hyppolite Garnier, que tinha 95 anos em 1910 e morreria no ano seguinte. Os negócios haviam sido assumidos por seu sobrinho-neto, Auguste-Pierre Garnier, cujo perfil era muito diferente do de seus tios e antecessores. Estes eram editores à moda antiga, isto é, “acima de tudo comerciantes ou negociantes, empresários dinâmicos e homens de negócio experientes”, sem interesse “por recrutar escritores dos quais todo mundo falava” ou por conhecer os debates centrais do mundo das letras, segundo assinalou Jean-Yves Mollier (2018, p. 48-49). Já aquele membro da segunda geração de editores era homem erudito e poeta publicado, que se empenharia com sucesso em fazer da Garnier “uma editora respeitada, referência nos meios universitários” (Mollier, 2018, p. 48). Nesses termos, a decisão de tradução da obra machadiana se inscrevia em um projeto de reestruturação dos negócios em português e em espanhol, conforme evidenciam os catálogos dos selos Garnier Frères, que publicava textos daquelas línguas em francês, e da Garnier Hermanos, que reunia títulos escritos ou traduzidos em espanhol (Granja, 2018, p. 29-30).

Mas, por outro lado, se se integrava assim a um projeto editorial de constituição de um catálogo respeitado e prestigioso, como entender aquele pouco cuidado em apresentar e promover Machado de Assis aos olhos dos leitores franceses? Por que Machado de Assis foi objeto de uma apresentação tão pouco preocupada em esclarecer o público francês quanto ao seu valor e a seu lugar central na literatura brasileira?

Ora, dois nomes próprios e uma referência sugerem uma hipótese. Os dois nomes já foram citados: Oliveira Lima e Anatole France. Eles estabelecem um vínculo direto entre essa primeira tradução de um volume machadiano em francês e um evento ocorrido em Paris em abril de 1909, a “Festa da intelectualidade brasileira”.

A Festa da Intelectualidade Brasileira

Organizada pela Sociedade de estudos portugueses em Paris, com o concurso da Missão brasileira de propaganda³, a Festa da Intelectualidade Brasileira ocorreu no Anfiteatro Richelieu, no prédio da prestigiosa universidade francesa Sorbonne e sob a alta presidência de Anatole France, escritor renomado e membro da Academia Francesa.

O organizador da sessão, e um dos fundadores da Sociedade de Estudos Portugueses (1902), foi o português Francisco Ignácio Xavier de Carvalho⁴. Ele era, então, correspondente do jornal brasileiro *O Paiz* e, em sua coluna “Carta de Paris”, vinha tratando dos preparativos para a “Festa” desde o início de 1909. A ideia de uma sessão solene em homenagem a Machado de Assis lhe viera já ao tomar conhecimento da morte do escritor brasileiro, ocorrida em 29 de setembro de 1908 (Xavier de Carvalho, *O Paiz*, 24/10/1908, p. 3). No final de janeiro, Xavier de Carvalho (*O Paiz*, 31/01/1909, p. 5) noticiou a participação de Oliveira Lima, que proferiria “uma conferência sobre o Brasil intelectual, quase toda ela dedicada a Machado de Assis”, e a provável presidência de Anatole France naquela que seria “uma das maiores manifestações do Brasil moderno no grande centro mundial que é Paris”. Entre março e início de abril, os leitores de *O Paiz* ficaram sabendo que “a comemoração de Machado de Assis” ocorreria em abril na Universidade da Sorbonne (*O Paiz*, 09/03/1909, p. 3) e contaria efetivamente com a participação de Anatole France e do médico Charles Richet, que acabara de visitar a América do Sul (*O Paiz*, 01/04/1909)⁵. Eles receberam também a preciosa

³ A Missão Brasileira de Propaganda era chefiada, então, por Vieira Souto, que sucedera Paula Ramos e tinha por secretário Chaves Montier. Seu escritório situava-se no Boulevard des Italiens e entre suas atividades estava o patrocínio de publicações sobre o Brasil em francês e a organização da participação do Brasil em exposições na Europa. Ela também era referida como “Missão de expansão econômica” (*O Paiz*, “Carta de Paris”, 09/03/1909, p. 3; 09/07/1909, p. 4).

⁴ Sobre Xavier de Carvalho, ver Catteau, 2019.

⁵ Foi também na “Carta de Paris” publicada no início de abril que Xavier de Carvalho instou o governo brasileiro a convidar Anatole France a visitar o país, em seu retorno da Argentina. O escritor francês havia sido convidado pelo Conservatório Francês de Buenos Aires a fazer uma série de conferências no país, para o qual ele deveria partir no final de abril. Em sua coluna datada de 24 de abril, publicada em *O Paiz* em 15 de maio, o poeta português exprimia ainda dúvidas acerca de uma visita de Anatole France ao Brasil: “Não sabemos ainda se o

informação de que “a Livraria Garnier fez distribuir um pequeno trabalho, resumindo a obra do romancista de *Memorial do [sic] Ayres* e de *Dom Casmurro*” (*O Paiz*, 25/04/1909, p. 6).

A sessão ocorreu efetivamente em 03 de abril e foi amplamente noticiada por vários veículos de imprensa, tanto na França quanto no Brasil⁶. A consulta a esses arquivos permite conhecer em maiores detalhes a “Festa da Intelectualidade Brasileira”, normalmente abordada apenas por meio do recurso à obra *Machado de Assis et son oeuvre littéraire* (1909), de que falaremos adiante.

Segundo os jornais brasileiros, o anfiteatro estava lotado – mais de mil pessoas, informou o *Jornal do Commercio* (05/04/1909, p. 1), com várias delas aglomerando-se em pé e entre as quais se encontravam importantes personalidades intelectuais e políticas, francesas e brasileiras, muitas delas listadas na *Gazeta de Notícias* (28/04/1909) e por um orgulhoso Xavier de Carvalho em *O Paiz* (02/05/1909). Perante elas, falaram três principais conferencistas: Anatole France, Charles Richet e Oliveira Lima⁷.

autor do ‘Lys Rouge’ tem ou não a intenção de descer por algumas horas no Rio, antes de sua paragem definitiva na Argentina. Não sabemos igualmente se os homens de letras e os intelectuais do Brasil tencionam ou não preparar a Anatole France a recepção que ele merece. Mas devem fazê-lo, porque o grande escritor (que raras vezes agora sai à noite e que há mais de dois anos não presidia uma reunião pública) acedeu gostosamente ao pedido de honrar com sua nobre figura a sessão em memória de Machado de Assis” (*O Paiz*, 15/05/1909, p. 3). De fato, conforme noticiou *O Paiz* em 18 de maio de 1909, o navio em que viajava Anatole France chegara ao Rio em 16 de maio, mas o escritor só desembarcou na manhã do dia seguinte, quando foi recebido com grande pompa pelo governo brasileiro e membros da Academia Brasileira de Letras. Esta sediou uma sessão em sua homenagem, na qual o então presidente da Academia, Rui Barbosa, proferiu um discurso em francês, sobre o qual voltaremos a falar (*O Paiz*, 18/05/1909, p. 3). Em seu retorno da Argentina, em 23 de julho de 1909, Anatole France permaneceu por cerca de 15 dias no Brasil, tendo feito conferências no Rio de Janeiro e em São Paulo.

⁶ Na imprensa francesa, notas de extensão variada foram publicadas nos parisienses *Gil Blas* (03/04/1909), *Le Petit Parisien* (03/04/1909), *La Petite République* (04/04/1909), *Le Temps* (05/04/1909), *Le Rappel* (06/04/1909), *Le XIXe. siècle* (06/04/1909); *Le Petit Caporal* (06/04/1909), *Le Petit Sou* (06/04/1909), *Le Soir* (06/04/1909); e nos provincianos *La Petite Gironde* (05/04/1909), de Bordeaux, *Le Patriote des Pyrénées* (06/04/1909) e *L’Indépendant des Basses-Pyrénées* (06/04/1909), ambos de Pau, e *Le Journal du Lot* (07/04/1909), de Cahors. Excertos do discurso de Anatole France foram publicados nos números indicados de *La petite République*, *Le petit sou*, *L’Aurore*, *Le Temps*, *Le XIXe. Siècle* e *Le Petit Caporal*. Ver resultados da pesquisa por « Fête de l’intellectualité brésilienne » na *Gallica*: bibliothèque numérique de la Bibliothèque Nationale de France. Registre-se ainda que esse discurso foi editado em uma belíssima brochura, em maio de 1909, por Édouard Pelletan: ver France, 1909a.

⁷ Aparentemente, Victor Orban também proferiu algumas palavras na “Festa”, já que Xavier de Carvalho (*O Paiz*, 02/05/1909) dirigiu-se também a ele em seu discurso de agradecimento. Contudo, no relato que fez do evento, na mesma “Carta de Paris” datada de 07 de abril, Xavier de Carvalho não menciona nenhum tipo de discurso ou estudo que teria sido lido por Orban. Tampouco se referem a alguma participação de Orban os artigos sobre a “Festa” publicados no *Jornal do Commercio* (05/04/1909) e na *Gazeta de Notícias* (28/04/1909). Pode-se supor que o poeta belga tenha feito uma breve introdução à leitura das poesias de Machado de Assis traduzidas por ele e lidas pela atriz Léa Misley. A inserção de “Machado de Assis, conteur e poète”, de autoria de Orban, em *Machado de Assis et son oeuvre littéraire* (France, 1909b) parece ter sido decidida no momento da edição do

O primeiro a tomar a palavra, como presidente da sessão, foi Anatole France. Na sequência, falou o professor da Faculdade de Medicina Charles Richet, “insigne pacifista”, chegado havia pouco de uma viagem ao Brasil e que, segundo a *Gazeta de Notícias*, “aproveitou a excelente ocasião que se apresentava para dizer [...] as impressões que trouxe do nosso grande país”, com “palavras verdadeiramente entusiásticas para os nossos progressos morais, para o espírito de liberdade e justiça que tem presidido a nossa organização social” – palavras que o jornal chegou a transcrever (*Gazeta de Notícias*, “Uma festa latina”, 28/04/1909, p. 1). O ponto alto da sessão foi assegurado por Oliveira Lima, então ministro plenipotenciário do Brasil em Bruxelas, que “fez uma conferência sobre ‘a Obra do grande escritor brasileiro Machado de Assis’” (*Gil Blas*, 03/04/1909). Na sequência, foram lidas, pela atriz francesa Mlle. Léa Misley, três poesias de Machado de Assis, traduzidas por Victor Orban. Para encerrar, discursaram Gabriel de Piza, ministro do Brasil na França, e o próprio Xavier de Carvalho, cujas palavras de agradecimento ele mesmo transcreveu em sua “Carta de Paris” de 07 de abril (*O Paiz*, 02/05/1909, p. 5).

Nesse mesmo ano de 1909, a Librairie Louis-Michaud – e não a Garnier Frères – reuniu e publicou uma parte desses discursos em um caprichadíssimo volume sobre Machado de Assis, conforme muito bem noticiado pela *Pacotilha*, do Maranhão, em 20 de outubro de 1909:

Foi, recentemente, exposta à venda, nas livrarias de Paris, uma elegante brochura, com o nome “Machado de Assis”, editada pelo sr. Louis Michaud.

O volume, na capa, contém o retrato do grande mestre de nossas letras e uma fotografia da Sorbonne.

Enfeixa, com solidez e beleza, o magnífico discurso de Anatole France a propósito do Gênio Latino, feito por ocasião da Festa da Intelectualidade Brasileira, na Sorbonne; o opulento trabalho de Oliveira Lima, lido naquela festa; um primoroso estudo crítico do escritor belga Victor Orban, além das corretas traduções deste mesmo escritor, das poesias “Menina e Moça” e “Cercle vicieux” e do conto “O Enfermeiro”, de Machado de Assis.

Apenso, vemos, ainda o discurso que Alcindo Guanabara pronunciou na Câmara sobre o grande escritor patricio, falando da sua morte e mais o que de Machado de Assis falaram, pela mesma oportunidade, Rui Barbosa, Euclides da Cunha, José Verissimo, Salvador de Mendonça e Magalhães de Azevedo.

volume, a se crer nesta observação de Xavier de Carvalho: “Oliveira Lima acaba de publicar em volume o seu belo trabalho sobre Machado de Assis. Já possuímos o volume que o ilustre diplomata nos ofereceu. A edição é primorosa, feita na Bélgica sob a direção de Victor Orban, que no mesmo citado volume insere um esplêndido trabalho sobre a obra crítica de Machado de Assis como poeta e contista” (*O Paiz*, 13/09/1909, p. 5).

O livro é esplendidamente impresso em finíssimo papel, trazendo um bom numero de vinhetas, desenhadas a rigor por Graverol, reproduções das fotografias e do retrato a óleo do pranteado escritor, este trabalhado por Bernardelli; fotografias da casa do Cosme Velho, em que residiu e faleceu Machado de Assis e, finalmente, um seu autógrafo como primeiro presidente da nossa Academia de Letras.

Não se pode aspirar [sic: a] mais bela homenagem àquele que foi bem o inimitável e brilhantíssimo criador dos nossos mais bem cuidados labores literários (*A Pacotilha*, 20/10/1909, p. 1).

O título do livro era, na verdade, o mesmo da conferência de Oliveira Lima: *Machado de Assis et son oeuvre littéraire*. À parte essa pequena diferença, a nota do jornal maranhense fez uma apresentação bastante fiel do conteúdo do volume: alguns dos discursos e a conferência proferidos na Festa da intelectualidade brasileira; discursos e trechos de artigos de jornal saídos por ocasião da morte de Machado de Assis; três produções literárias do autor; e uma série de imagens. Sobretudo, *Pacotilha* destaca adequadamente a elegância e a qualidade do volume, que suscitam o questionamento das razões pelas quais a editora de Hypolitte Garnier não encampou essa publicação, em um momento especialmente favorável à promoção do grande escritor brasileiro. Talvez as conexões de Victor Orban e Oliveira Lima com a Louis Michaud – noticiadas por Xavier de Carvalho em sua coluna n’*O Paiz* (13/09/1909, p. 3) – tenham facilitado a edição do volume em homenagem a Machado de Assis pela “importante e bem conhecida” livraria do Boulevard Saint-Germain.

Seja como for, as repercussões positivas desse esforço de glorificação do recém-falecido presidente da Academia Brasileira, do “grande escritor brasileiro”, certamente ajudaram a Livraria Garnier Frères a julgar que havia espaço não só para traduzir textos de Machado de Assis, como para publicar alguns de seus livros em francês. Foi ao menos o que se afirmou em nota saída n’*O Commercio de São Paulo*, em 31 de agosto de 1909:

A livraria editora Garnier, com sede em Paris e no Rio, que vai publicar este ano, em língua espanhola, dois trabalhos de Machado de Assis, resolveu, à vista da repercussão da festa da intelectualidade brasileira, na Sorbonne, mandar também traduzir para o francês algumas das obras do falecido mestre.

De combinação com o Dr. Oliveira Lima, a primeira versão empreendida será a das “Várias histórias”, tendo sido convidado para fazê-la o distinto poeta Victor Orlan [sic: Orban], cujas traduções de poetas brasileiros os nossos leitores conhecem da conferência sobre literatura nacional ultimamente

realizada na Universidade de Louvain, pelo nosso ministro em Bruxelas (*O Commercio de São Paulo*, 1909, p. 1)⁸.

Não deixa de chamar a atenção, aqui, a informação de que a tradução da obra machadiana para a língua espanhola já estava decidida, uma vez que a publicação dos volumes *Varias historias e Memorias póstumas de Blas Cubas* sucederia aquela de *Quelques contes* e de *Mémoires posthumes de Braz Cubas*, tendo ocorrido apenas em 1913. Destaque-se também o papel central desempenhado por Oliveira Lima na internacionalização do recém-falecido presidente da ABL.

Retomando nossa questão, e tendo em vista os laços entre o evento ocorrido em abril de 1909 e a decisão de tradução de livros de Machado de Assis, não parece casual a citação feita por Delpech daqueles dois únicos autores – Anatole France e Oliveira Lima, com destaque para o diálogo com a conferência proferida por este último em abril de 1909. Além disso, esse empreendimento prévio – em termos de conferência artística e de monumento editorial – talvez expliquem por que não se buscou fazer das próprias traduções um instrumento de apresentação e de divulgação da literatura de Machado de Assis na França; os marcos em que essa obra deveria ser recebida haviam antecedido as publicações. Mais do que isso: eles parecem tê-las suscitado.

E esses marcos consistiam, de um lado, na apresentação de Machado de Assis como o “ilustre presidente da Academia Brasileira”; e, de outro, na compreensão da obra de Machado de Assis nos quadros do “espírito latino”, do “gênio latino”, como já salientaram Lúcia Granja (2018) e Jacqueline Penjon (2023). Delpech faz somente uma alusão nesse sentido, é verdade. Em sua discussão sobre um certo “antirromantismo” de Machado de Assis, seu distanciamento em relação à grandiloquência de autores como Gonçalves Dias, o tradutor aborda o que considerava serem as tendências da “intelectualidade latina” naquele momento – e que ele reconhecia no autor de que se ocupava: a ironia e a concisão do estilo. Embora rápida, tal alusão não deixa de ser significativa, porque também remete à “Festa” de 1909.

O gênio latino

Foi Anatole France quem, em seu curto discurso, fez da “Festa da intelectualidade brasileira” uma expressão do “gênio latino”. Tal era mesmo o título de sua alocução, “O gênio

⁸ Esta nota foi republicada, com modificações bem pontuais, no jornal pernambucano *A Provincia: orgam do Partido Liberal*, Recife, 11 de setembro de 1909, p. 1.

latino”. Após indicar os temas das falas de Richet e Oliveira Lima, France afirmou: “Para mim, senhores, creio que não seja ampliar demais o sentido desta festa vê-la como a celebração do gênio latino nos dois mundos”. Segundo ele, “nossa ciência [era] fundada sobre a ciência grega que nos fo[ra] transmitida por Roma” e era a Roma que nosso mundo devia o nascimento e o renascimento da civilização (France, 1909b, p. 12).

Transformando desse modo a “Festa da intelectualidade brasileira” em “Uma festa latina” (como quis o título da coluna da *Gazeta de Notícias* que tratou do evento), Anatole France vinha ao encontro de um movimento forte de panlatinismo, integrado pelos promotores daquela homenagem a Machado de Assis. Com raízes em meados do século XIX e no Renascimento provençal, tal movimento se fortalecera a partir do último quartel do século, com a fundação de periódicos como a *Revue du monde latin* (1882) dirigida por Charles de Tourtolon e cujo redator-chefe seria o brasileiro Frederico José de Santa-Anna Nery⁹ (Penjon, 2003, p. 3-4). Tratava-se de reivindicar uma herança comum, heleno-latina, que seria compartilhada pela Itália, a França, a Espanha, a Romênia, Portugal, mas também as ex-colônias na América, tanto as francesas como as ibéricas: países como Brasil, Argentina, Chile, Venezuela, Peru, Colômbia, México e Canadá, entre outros. A França era tomada como a grande representante da latinidade no mundo moderno. No início do século XX, tal movimento se ampliaria, beneficiando-se da implementação de ações institucionais de propaganda e política cultural.

Naquele momento, multiplicaram-se associações e iniciativas promotoras do ideal de latinidade, como era o caso da citada Sociedade de Estudos Portugueses e de uma dezena de outras, como a Sociedade Heleno-Latina (fundada em Roma em 1902), a Liga Franco-Italiana (dirigida pelo jornalista M. Raqueni), o Centro Espanhol de Paris, O Centro Catalão, o Comitê Franco-Brasileiro, a Liga de Ação Latina, o Agrupamento de Universidades e Grandes Escolas da França para as relações com a América Latina (fundado em 1907 e presidido em 1909 por Louis Liard, vice-reitor da Universidade de Paris) (*Latina*, nº4, 10/10/1909, p. 1). Organizou-se inclusive uma União Latina, confederação de todas as associações latinas de Paris (*O Paiz*, 12/12/1908, p. 7). Tais associações empenharam-se na promoção de diversas ações,

⁹ Sobre Santa Anna Nery, ver Rozeaux (2019).

publicando revistas e artigos em jornais¹⁰, organizando banquetes e festas comemorativas de efemérides importantes para a história dos povos latinos, patrocinando a construção de monumentos em homenagem a grandes personalidades políticas e literárias¹¹. Em julho de 1909, por exemplo, nasceu a *Latina*: revue mensuelle pour la propagande de peuples latins [*Latina*: revista mensal para a propaganda de povos latinos], órgão da Sociedade de Estudos Portugueses que vinha se juntar a publicações como *La Revue Latine*: journal de littérature comparée – France, Espagne, Italie, Belgique, Suisse française, Roumanie, etc., fundada por Émile Faguet em 1902.

Tal efervescência foi favorecida pela adoção de novos posicionamentos e atitudes de parte a outra dos governos desses distintos países. De um lado, conforme atestado pela existência de uma Missão Brasileira de Propaganda e por seu concurso na “Festa da intelectualidade brasileira” e na publicação de *Machado de Assis et son oeuvre littéraire*¹², os países da América Central e do Sul empenharam-se em fazer-se mais conhecidos na França, em particular, e na Europa, em geral. De outro, o próprio governo francês agiu para favorecer a influência de seu país nessas nações. Tratava-se, assim, de buscar “contrabalançar as ofensivas culturais e econômicas da Inglaterra, da Alemanha, da Itália e dos Estados Unidos” (Penjon, 2023, p.4), o que se materializou também em ações de cooperação científica e universitária, a exemplo da criação da Cátedra de estudos brasileiros, em 1911, na Sorbonne, inaugurada com doze conferências do próprio Oliveira Lima (Chonchol; Martinière, 1985).

A circulação de Machado de Assis na França beneficiou-se decisivamente desse movimento, como se pode concluir¹³. Longe de ser um evento isolado, a “Festa da

¹⁰ Por ocasião da “Festa da intelectualidade brasileira”, Xavier de Carvalho conseguiu fazer publicar na primeira página do *Paris-Journal* o texto intitulado “Le mouvement littéraire au Brésil” [“O movimento literário no Brasil”], de que ele deu notícia em sua “Carta de Paris” de 03 de abril (*O Paiz*, 25/04/1909, p. 6).

¹¹ A “Carta de Paris”, a citada coluna de Xavier de Carvalho em *O Paiz*, é um ótimo documento dessas ações, na medida em que seu autor se colocou como um ator destacado da promoção dos povos latino-americanos e da União Latina em Paris. Em novembro de 1908, por exemplo, ele foi um dos promotores (juntamente com a União Latina e a Missão Brasileira de Propaganda) de um banquete em comemoração à data de Proclamação da República no Brasil (*O Paiz*, 12/12/1908, p. 7). Em 1909, engajou-se na organização de um grande evento em comemoração ao centenário das independências dos países da América do Sul, bem como nas iniciativas de construção de um monumento em homenagem a Camões em Paris.

¹² Este apoio foi indicado por Xavier de Carvalho em sua Carta de Paris de 07 de abril de 1909: “O discurso [de Oliveira Lima] vai aparecer em breve, publicado pela missão de propaganda e será largamente distribuído pelas sociedades literárias, centros de ensino e da imprensa europeia” (*O Paiz*, 02/05/1909, p. 5). Osório Duque-Estrada (1909, p. 3) confirmou essa informação em sua resenha de *Machado de Assis et son oeuvre littéraire*, publicada no *Correio da Manhã* em 1º de novembro de 1909.

¹³ Jacqueline Penjon (2023) sustentou, por outro lado, que a inserção de Machado de Assis na ideologia da latinidade prejudicou a recepção de sua obra na França.

intelectualidade brasileira” inscrevia-se nesse conjunto mais amplo de ações culturais e diplomáticas desenvolvidas no âmbito do movimento panlatinista¹⁴. Assim, para além do título de “grande escritor nacional” ou o de “ilustre presidente da Academia Brasileira”, o autor de *Brás Cubas* foi apresentado como um “gênio latino”, expressão desse nobre “espírito latino” que deveria levar os países da América do Sul a estabelecer um vínculo preferencial com a França, entre todas as nações europeias – como grande depositária dessa herança cultural de origem greco-latina. Importa destacar, quanto a tal inscrição de Machado no âmbito da “latinidade”, que a própria materialidade de *Machado de Assis et son oeuvre littéraire* foi atravessada por essa intenção.

A capa trouxe uma imagem da *Sorbonne* e um retrato miniaturizado de Machado de Assis, reprodução daquele de Bernardelli, rodeado por louros – remetendo, assim, à Grécia e à Academia. Em seu interior, o volume publicado pela Louis Michaud trazia ricas vinhetas de motivo latino – bem como uma ilustração de “Júlia”, uma menina romana a cuja lenda aludia Anatole France (1909b, p. 14) como símbolo do “eterno milagre do espírito latino: ele desperta e de repente o pensamento humano desperta com ele; as almas são libertadas, brotam as ciências e a beleza”.

Além disso, o próprio retrato a óleo de Machado de Assis respondia muito bem à dupla condição que se pretendia destacar perante o público letrado francês. De um lado, segundo as convenções dos gêneros pictóricos tradicionais, utilizava-se o retrato para eternizar o grande homem – no caso, o grande escritor. De outro, Bernardelli inserira em sua pintura uma imagem do famoso ramo de Tasso, ofertado a Machado de Assis pela Academia Brasileira de Letras, por iniciativa de Joaquim Nabuco, em agosto de 1905. Esse ramo representava a glorificação de Machado de Assis por seus pares, sua apoteose – o que se fizera por meio de sua vinculação à tradição da Antiguidade, à Grécia, mas à Grécia transmitida por Roma, para

¹⁴ Note-se, quanto a isso, que à “Festa” associou-se, no dia seguinte, um banquete oferecido pela União Latina em homenagem a Oliveira Lima. Ocorrido no Café Riche, no Boulevard des Italiens, ele recebeu mais destaque do que a própria “Festa” no *Jornal do Brasil*, que deixou explicitamente indicada a indissociabilidade dos dois eventos: “Poderíamos, porém, dizer que essa não foi senão a primeira parte das festas da intelectualidade luso-brasileira, organizadas pelos Secretários da Sociedade de Estudos Portugueses e da União Latina, os Srs. Xavier de Carvalho e Raqueni, festas das quais foi ocasião ou pretexto a presença em Paris do Sr. Oliveira Lima e das quais tomaram parte e presidiram os representantes dessa *alma-mater* da intelectualidade brasileira que tem sido, juntamente com Portugal, a França” (*Jornal do Brasil*, “Brasil em França”, 11/05/1909, p. 6).

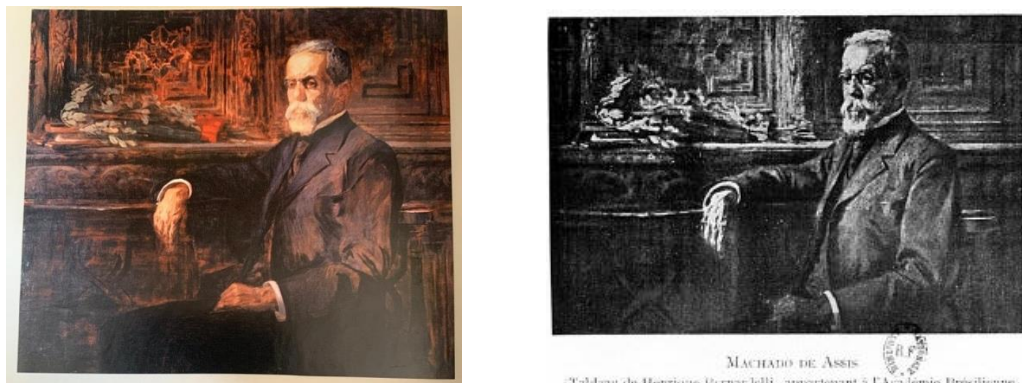
retomar os termos de Anatole France. Nada mais adequado para apresentar o autor de *Brás Cubas* à elite intelectual francesa¹⁵.

Figura 1 - Capa e verso da Folha de guarda de Machado de Assis et son oeuvre littéraire, 1909



Fonte: Biblioteca Octavio Tarquínio de Souza e Lucia Miguel Pereira, Procuradoria Geral do Estado-RJ .¹⁶

Figura 2 - Machado de Assis¹⁷



Fonte: Piza, 2005, p. 352; Machado de Assis em Machado de Assis: son oeuvre littéraire, 1917.

¹⁵ Com efeito, Xavier de Carvalho informou da presença efetiva de alguns de seus membros na “Festa da Intelectualidade Brasileira”: “No estrado do fundo, onde falavam os oradores, estavam os Srs. Louis Havet, membro do Instituto; Gabriel Séailler, do Colégio de França; Pelletan, do Apostolado Positivista e livreiro muito conhecido; os Srs. Jayme de Séguier, Olavo Bilac, A. de Souza, Gustave d’Aout, Dr. Veloso de Araújo, ministros do Chile e da Costa Rica” (*O Paiz*, 02/05/1909, p. 5).

¹⁶ Exemplar pertencente à Biblioteca Octavio Tarquínio de Souza e Lucia Miguel Pereira, Procuradoria Geral do Estado-RJ. Registro meus agradecimentos aos funcionários da PGE por terem fotografado e me remetido essas imagens.

¹⁷ À esquerda: Machado de Assis (1905), pintura de Henrique Bernardelli. In: Piza, 2005, p. 352. À direita: reprodução de Machado de Assis em Machado de Assis: son oeuvre littéraire, 1917, com a legenda: “Quadro de Henrique Bernardelli, pertencente à Academia Brasileira”.

O peso desse novo contexto de recepção na construção de um Machado de Assis latino fica ainda mais claro quando se analisa a imagem consagrada no Brasil nesse mesmo momento. Aqui, apesar da cerimônia de 1905, o “aticismo” é que se definiu como a marca do autor de *Esaú e Jacó*. Já em 1908, vários dos grandes homens de letras brasileiros que escreveram sobre Machado de Assis insistiram nessa visão. Em seu discurso ao pé do túmulo do falecido presidente da Academia, em 30 de setembro de 1908, Rui Barbosa (2019, p. 46) o apresentou como “exemplar sem rival entre os contemporâneos da elegância e da grandeza, do aticismo e da singeleza no conceber e no dizer”. Em 06 de outubro, em texto saído em *O Paiz*, a escritora Júlia Lopes de Almeida (2019, p. 90) falou no “fino espírito ateniense do nosso escritor”. Algumas semanas mais tarde, no obituário publicado no *Jornal do Commercio*, José Veríssimo (1957, p. 155) escreveu: “Mulato, foi de fato um grego da melhor época”. E, na primeira biografia do escritor, publicada em 1917, Alfredo Pujol (2007, p. 93) sintetizou nesta imagem a figura ática de Machado de Assis: “Embebido na beleza antiga, encontrava na arte helênica a perfeita comodidade com as tendências do seu espírito. Era um Luciano de Samosate, nascido e criado em pleno século XIX, no morro do Livramento, no bairro dos marujos, dos catraeiros e dos pretos de ganho”.

Para sua circulação na França, porém, o aticismo de Machado de Assis deu lugar à “latinidade”. A “Festa da Intelectualidade Brasileira” foi “Uma festa latina”, conforme atestaram também os brasileiros *Gazeta de Notícias* e *Fon-fon*, ratificando o sentido que Anatole France dera ao evento.

Figura 3 - *Fon-fon*



Fonte: *Fon-fon*, 08/05/1909, p. 13

Mas a construção da imagem de Machado de Assis na França não se esgota na questão de sua “latinidade”. Porque o presidente da “Festa da intelectualidade brasileira” não deixou de trazer à baila questões de ordem racial.

Latinidade e questões raciais

Em seu discurso, Anatole France (1909b, p. 14) associou explicitamente o gênio latino a uma perspectiva universal e rejeitou o próprio conceito de raça:

Eu digo o gênio latino, eu digo os povos latinos, eu não digo as raças latinas, porque a ideia de raça não é, na maioria das vezes, mais do que uma visão de orgulho e de erro, e porque a civilização helênica e romana, como a nova Jerusalém, viu vir a ela, de todas as partes, filhos que ela não tinha carregado em seu seio.

Desse modo, France sustentava uma compreensão diferente daquela que se pode encontrar, por exemplo, em textos de promotores da latinidade na França, que frequentemente consideravam que os diferentes povos latinos compunham uma só raça latina.

Tal entendimento pode ser identificado no texto programático da *Latina* (nº 1, 10/07/1909, p. 1): “Seu programa é muito claro e muito preciso; ele se inspira somente nos interesses superiores da raça latina: do futuro, do progresso e do desenvolvimento dos Estados latinos”. Ele também estrutura a posição de Paul Vibert, secretário da Sociedade Heleno-Latina, expressa em um artigo intitulado muito sugestivamente “L’avenir de la race latine” [“O futuro da raça latina”] e publicado igualmente no primeiro número daquela revista. Nele, Vibert conclamou à união de todos os povos de raça latina:

Sim! É preciso que os franceses, os italianos, os espanhóis, os portugueses, os romenos [...] andem de mãos dadas, não somente – do ponto de vista econômico, para ganhar a vida e se desenvolver, mas, ainda, que eles andem de mãos dadas com os brasileiros, os argentinos, os chilenos, os peruanos, com todas essas crianças do novo mundo que são como os pioneiros de nossa civilização, como os caixeiros-viajantes do nosso ideal de liberdade e de justiça no mundo./ Tal é a missão augusta da raça latina no mundo, que aparece sempre como a vestal que conservou através dos tormentos humanos a chama secreta do nosso gênio, sem deixá-lo se apagar (Vibert, julho de 1909, p. 3).

Mas essa compreensão de próceres do latinismo tampouco fazia consenso. Pois, de um ponto de vista rigorosamente racial, sob o qual nos esclarece Clóvis Bevilacqua em um texto contemporâneo, intitulado “Sob que ponto de vista podem os brasileiros ser considerados

latinos”, tal classificação não teria fundamento. Isso porque, sendo o brasileiro uma formação étnica resultante da mistura de portugueses, de europeus de diferentes procedências, de índios e de africanos, a reivindicação de latinidade só poderia, segundo o jurista, se assentar no elemento português. Contudo, afirmava ele, “é fácil [...] mostrar que os nossos colonizadores trazem nas veias sangue tão mesclado que não se compreende a pertinácia dos que os apelidam de latinos no sentido de pertencente à progênie de um certo grupo étnico” (Bevilaqua, 1904, p. 245). Nem mesmo os portugueses, argumentava Bevilaqua, poderiam rigorosamente ser considerados latinos, por serem formados pela mescla entre iberos, celtas, fenícios, romanos, godos e berberes. “De todos esses elementos, somente o *romano* poderia reclamar o título de *latino*. Mais ainda que esses fossem de raça pura, estaria sua contribuição étnica sobrepujada ou, pelo menos, radicalmente transformada pela adjunção das estirpes semíticas e teutônicas” (Bevilaqua, 1904, p. 245). E no momento mesmo do “surgir da vida política do povo português, não era a raça latina a dominadora”. Deveria somar-se a isso o fato de os portugueses, no Novo Mundo, terem se visto diante de um meio estranho, tropical, que lhes teria transformado física e moralmente – um processo de transformação acentuado por sua fusão com os indígenas, os africanos e os variados contingentes da imigração europeia. Donde a conclusão de Bevilaqua: “Não é lícito, portanto, asseverar que somos uma das vergôntes da raça latina, dado que ainda exista semelhante produto étnico” (Bevilaqua, 1904, p. 246).

Por outro lado, o eminente jurista concedia que se podia falar sim em “uma forma de civilização latina, [...] um ideal de coexistência humana, [...] uma interpretação da vida e dos destinos humanos, [...] um complexo de conceitos, de sentimentos e aspirações, [...] um grupo de línguas, finalmente, a que se pode com justeza aplicar o epíteto – *latino* (Bevilaqua, 1904, p. 246)”. Sob esse ponto de vista, estritamente, os brasileiros podiam se considerar latinos.

Em sua alocução, Anatole France parece expressar uma compreensão de latinidade próxima desta, tomando o gênio latino como uma forma de civilização latina. Contudo, em uma diferença radical para com Bevilaqua, o escritor francês rejeita em si mesmo o conceito de raça, conforme se viu. Ao mesmo tempo, ele não deixou de salientar – e de legitimar – a diversidade não só dos povos latinos, como também das raças, ao afirmar, no encerramento de seu discurso:

Latinos dos dois mundos, sejamos orgulhosos de nossa herança comum; saibamos que a beleza antiga, a eterna Helena, mais augusta, mais casta a cada rapto, está destinada a se dar a raptos estrangeiros e a dar à luz, em todas as raças, sob todos os climas, a novos Euforiões, a cada vez mais sábios e mais bonitos” (France 1909b, p. 14-15).

Como compreender essa contradição? Uma explicação possível pode ser aventada a partir da consideração de dois outros textos.

O primeiro é a transcrição da breve resposta de Anatole France ao longo discurso em sua homenagem, proferido por Rui Barbosa, diante do escritor francês, na sede da Academia Brasileira de Letras, em 18 de maio de 1909. Transcritas no primeiro número da *Latina* – bem como o discurso do então presidente da ABL – as palavras de France “aos letrados brasileiros” se referiram, logo de saída, à diversidade racial brasileira:

Vocês empreenderam a educação de seu povo após ter abandonado nossos preconceitos para aplicar somente as ideias mais nobres, as da justiça e da verdade. Evocês apresentam ao mundo isto de admirável, que é não ter esse preconceito de raça, tão fatal a determinados países e de que eles apenas se desvencilharão à custa de lutas sangrentas. Vocês vão assim de par com as grandes nações: a Inglaterra, por exemplo, não conhece preconceito de raça (France, 10 juillet 1909, p. 16).

O curto discurso de France foi, como se vê, bastante alusivo, o que não deixa de desafiar a interpretação. Ele parece estar se referindo à abolição da escravidão no Brasil ao mencionar um projeto de educação do povo, pressupondo que a Lei Áurea tivesse marcado o início de um processo de implementação de medidas de promoção da igualdade social e racial – o que estava longe de ser verdade. Nesse sentido, as palavras subsequentes sugerem uma comparação com os Estados Unidos e seu sangrento processo de abolição da escravidão, bem como com o marcante ódio racial norte-americano. O que parece estar em questão na fala de Anatole France é, então, o entendimento de que a miscigenação e a inexistência de leis de segregação racial fariam do Brasil um país sem racismo.

Para nossa problemática, o que interessa não é tanto criticar a visão (idealizada) do escritor e sim salientar sua atenção à diversidade racial brasileira. Ela talvez explique a referência de Anatole France, em “O gênio latino”, a “todas as raças” – e sua diferença em relação à opção dos próceres do latinismo por falar em uma só raça latina, que englobaria as nações latinas tanto da Europa quanto da América. Deste modo, estes evitavam a discussão sobre a diversidade racial interna aos diferentes países da América do Sul para considerar apenas as nacionalidades – “brasileiros, argentinos, peruanos, chilenos, etc.”.

Por outro lado, é forçoso reconhecer que se trata de uma referência bastante tímida e que France não fez nenhuma menção – sequer alusiva – ao próprio Machado de Assis. Tais características de sua alocução merecem ser comparadas com outra formulação da questão, presente em uma das raras menções a *Quelques contes* na imprensa parisiense. A tradução francesa de *Várias histórias* foi citada marginalmente em uma resenha crítica de *Canaã*, traduzido também em 1910. É este o segundo texto de que devemos nos ocupar.

Nessa resenha, publicada no jornal *Le Temps*, em 06 de novembro de 1910, o crítico literário e helenista Gaston Deschamps curiosamente indicou, em uma nota inicial, a publicação de *Quelques contes*, mas se deteve apenas no romance de Graça Aranha.¹⁸ Ele começou por agradecer ao escritor e ao tradutor por sua contribuição para um melhor conhecimento da vida e dos costumes brasileiros, sobre os quais circulariam imagens pejorativas e estereotipadas na França. Deschamps citou em particular a comédia *Le Brésilien*, de Meilhac e Halévy, que “nos dá uma ideia divertida, mas notoriamente fictícia” dos brasileiros, levando os franceses “a figurar os Estados da América do Sul como repúblicas de opereta bufa às voltas com revoluções tramadas incessantemente por mulatos exasperados [“mulâtres exaspérés”]”. Deschamps contrapôs a essa imagem de desordem política e racial o próprio Graça Aranha, “um diplomata muito parisiense, ao mesmo tempo que um letrado de cultura verdadeiramente europeia e francesa”. Ele deu, então, a palavra ao próprio romancista, que lhe afirmara, em uma conversa, que “Nós, os latinos do Brasil, [...] somos moldados por uma cultura quase exclusivamente francesa. É por isso que os franceses de elite que vêm nos visitar para fazer conferências não se sentem deslocados em nosso país e gostam de estar em nossa casa”. O elemento de classe torna-se ainda mais destacado na sequência da resenha, quando Deschamps cita uma passagem de Guillermo Ferrero (In: Deschamps, 06/11/1910, p. 2) a respeito do autor de *Canaã*: “Originário de uma velha família, diplomata e escritor, o Sr. Aranha representa muito bem as verdadeiras classes superiores dos Estados americanos, que a Europa pena para identificar no meio da multidão barulhenta de *parvenus* e de novos ricos”. Deschamps passou em seguida à apresentação e à análise do romance, mencionando em particular os personagens Milkau e Lenz, os quais “são alemães e, por conseguinte, deliciosamente metafísicos”. Tendo emigrado para o Brasil, plantando café em

¹⁸ A longa resenha de Gaston Deschamps foi traduzida e publicada no Brasil, no *Jornal do Commercio – Edição da tarde* (14/12/1910, p. 3).

meio à paisagem luxuriante da floresta tropical, um ama “tolstoicizar” e o outro, “nietzscheanizar com ardor” – o que motivou esta avaliação do crítico do *Temps*: “É muito curioso esse eco das nossas ideologias europeias lá, entre os mestiços, às margens do Rio Doce” (Deschamps, 06/11/1910, p. 2).

O tom de Deschamps é muito distinto do que fora o de Anatole France, como se pode notar. O crítico do *Temps* falou em “ideologias europeias” e na “europeização da América” e sublinhou o exotismo de um país tropical. Além disso, em sua resenha, a referência à latinidade apareceu associada a uma hierarquia social e racial – encarnada no diplomata culto e de boa família – que deixava de fora as classes inferiores e “os mestiços”, expostos a curiosas ideias fora do lugar por parte de colonos europeus “deliciosamente metafísicos”.

Essa associação entre a indicação da origem europeia dos ideais de civilização e o apontamento inequívoco da diversidade racial brasileira parecia conduzir, portanto, a uma necessária hierarquização entre europeus e americanos – ou europeus e brasileiros, somente. Talvez isso esteja por trás da opção dos grandes promotores do ideal de latinidade de evitar uma perspectiva rigorosamente racial; ela poderia impugnar a própria reivindicação de latinidade por parte dos povos latino-americanos, como esclarecem Clóvis Bevilacqua e, em certa medida, também Gaston Deschamps. E ela talvez explique por que Anatole France, por seu turno, fez uma alusão tão tímida à diversidade racial, no evento destinado a comemorar a “Intelectualidade brasileira” – e não sua natureza exuberante, como bem enfatizou Xavier de Carvalho. Recusando o conceito de raça, France começou por defender uma perspectiva universalista, igualitária, legitimadora da inscrição de diferentes povos no âmbito da “civilização helênica e romana”. Ao mesmo tempo, ao final de sua alocução, ele associou a referência à diversidade racial à figura de uma “Helena raptada” (e não mais à de uma “Nova Jerusalém”), parecendo se aproximar da perspectiva de Deschamps – ainda que tenha positivado os diferentes raptos e seus produtos: “novos Euforiões, a cada vez mais sábios e mais bonitos”.

Considerações finais

O tom dubitativo desse último conjunto de asserções indica a necessidade de aprofundar a discussão sobre os nexos entre o ideal de latinidade e a questão racial, particularmente no que respeita a seus impactos na construção da imagem do mestiço

Machado de Assis na França, a partir do início do século XX. Faz-se necessário, ademais, conhecer melhor as posições do próprio Anatole France, dreyffusard próximo de Émile Zola e um dos fundadores da League des Droits de l'Homme [Liga dos Direitos do Homem], em 1898,¹⁹ a fim de aquilatar a representatividade de sua compreensão no âmbito do ideal da latinidade.

Seja como for, não se pode negar que para a tradução dos dois primeiros livros de Machado de Assis na França foi decisivo o fortalecimento, naquele país, de um movimento de latino-americanismo, o qual se beneficiou de uma série de ações diplomáticas e de política cultural, entre cujos atores estiveram os governos sul-americanos e francês e diversas associações culturais. A apropriação de Machado de Assis por esse movimento, sua construção como um escritor latino foi um dos elementos centrais para o início da circulação de seus livros na França. Mas a latinidade dos sul-americanos, em geral, e a dos brasileiros, em particular, não deixou de suscitar questões de ordem racial, levantadas, mesmo que timidamente, no próprio evento inaugural da construção de um Machado de Assis latino, a “Festa da intelectualidade brasileira”, ocorrida em Paris em 03 de abril de 1909. Seu surgimento naquela ocasião, na alocução de Anatole France, conduziu a descortinar um debate mais amplo, cujo estudo preliminar sugere a existência de distintos juízos a respeito da diversidade racial e da miscigenação. Elas foram entendidas negativamente, mas também positivadas, ao aparecerem como fator de enriquecimento da “beleza antiga”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Júlia Lopes de. Saudades. In: GUIMARÃES, Hélio de Seixas; LEBENSZTAYN, Ieda (orgs.). *Escritor por escritor: Machado de Assis segundo seus pares (1908-1959)*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2019, p. 87-92.

BARBOSA, Rui. O adeus da Academia. In: GUIMARÃES, Hélio de Seixas; LEBENSZTAYN, Ieda (orgs.). *Escritor por escritor: Machado de Assis segundo seus pares (1908-1959)*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2019, p. 44-49.

BEVILAQUA, Clóvis. Sob que ponto de vista podem os brasileiros ser considerados latinos (fragmento). *Almanaque Brasileiro Garnier*, Rio de Janeiro, 1904, p. 245-246. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/348449/904>. Acesso em: 19 nov. 2024.

¹⁹ Sobre as relações entre Anatole France e Émile Zola, bem como entre eles e o político socialista Jean Jaurès, ver, inicialmente: Daspre, 2007.

O *COMMERCIO DE SÃO PAULO*, 31 de agosto de 1909, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/227900/23490>. Acesso em: 31 ago. 2024.

CATTEAU, Prune Iris. Esboço biobibliográfico de José Francisco Xavier de Carvalho, mediador cultural e literário em Paris de 1885 a 1919. *Reflexos* [Online], n. 4, 2019. Disponível em: <http://interfas.univ-tlse2.fr/reflexos/404> Acesso em: 27 set. 2024.

CHONCHON, Jacques; MARTINIÈRE, Guy. *L'Amérique Latine et le latino-américanisme en France*. Paris : Éditions de l'IHEAL, L'Harmattan, 1985. Disponível em: <https://books.openedition.org/iheal/3345>. Acesso em: 13 fev. 2025.

DASPRE, André. « “Vers les temps meilleurs” d'après Émile Zola, Anatole France et Jean Jaurès ». *Cahiers Jaurès*, 2007/3 N° 185, 2007. p.91-105. Disponível em : shs.cairn.info/revue-cahiers-jaures-2007-3-page-91?lang=fr. Acesso em: 26 set. 2024.

DELPECH, Adrien. Préface. In : MACHADO DE ASSIS. *Quelques contes*. Traduits du portugais par Adrien Delpech. Paris : Garnier Frères, Libraires-Éditeurs, 1910. p. V-XXIX. Disponível em : <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k853799b>. Acesso em: 10 mai. 2024.

DESCHAMPS, Gaston. La vie littéraire. *Le Temps*, Paris, 06 novembre 1910, p. 2. Disponível em : <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k240294k>. Acesso em: 26 set. 2024.

DUQUE-ESTRADA, Osório. Registro literário: *Machado de Assis et son oeuvre littéraire*. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 01 de novembro de 1909, p. 3.

FON-FON. Uma festa latina. Rio de Janeiro, 08 de maio de 1909, p. 13. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/259063/2796>. Acesso em: 14 fev. 2025.

FRANCE, Anatole. Aux lettrés brésiliens. *Latina* : revue mensuelle pour la propagande des peuples latins. Paris, n.1, 10 juillet 1909, p. 16. Disponível em : <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1342824>. Acesso em: 10 fev. 2025.

FRANCE, Anatole. *Le génie latin* : allocution prononcée à la Sorbonne, le 03 avril 1909, à la Fête de l'intellectualité brésilienne. Décoration de Bellery-Desfontaines. Paris : Edouard Pelletan, 1909a. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1527303c>. Acesso em: 25 set. 2024.

FRANCE, Anatole. Le génie latin. In : *Machado de Assis et son oeuvre littéraire*. Discours prononcés à la Sorbonne, le 03 avril 1909. Avant-propos d'Anatole France. Paris: Librairie Louis-Michaud, 1909b.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Uma festa latina. Rio de Janeiro, 28 de abril de 1909, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/103730_04/19781. Acesso em: 14 fev. 2025.

GIL BLAS, Paris, 03 avril 1909, p. 2. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k7523975x/f2.item#>. Acesso em: 31 maio 2024.

GRANJA, Lúcia. Le Garnier à Paris e à Rio de Janeiro : être éditeur en Europe ou en Amérique Latine ? *Histoire et civilisation du livre : revue internationale*. L'édition au XIXe. siècle : acteurs, territoires, spécialités. Genebra, v. 18, p. 177-193, 2022.

GRANJA, Lúcia. Três é demais! (Ou por que Garnier não traduziu Machado de Assis?). *Machado de Assis em linha*: revista eletrônica de estudos machadianos, São Paulo, v. 11, n. 25, p. 18-32, dezembro

2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mael/a/JLgs3sHTQjMR8SySTYC36Xk/?lang=pt>. Acesso em: 20 set. 2024.

JORNAL DO BRASIL. “O Brasil em França”. Rio de Janeiro, 11 de maio de 1909, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015_02/32328. Acesso em: 21 fev. 2025.

JORNAL DO COMMERCIO, 05 de abril de 1909, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/364568_09/16983. Acesso em: 27 jan. 2025.

JORNAL DO COMMERCIO – EDIÇÃO DA TARDE. Litteratura brasileira na Europa. Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 1910, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/111988/1297>. Acesso em: 12 fev. 2025.

LA REVUE LATINE: journal de littérature comparée – France, Espagne, Italie, Belgique, Suisse française, Roumanie, etc. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k631486>. Acesso em: 10 fev. 2025.

LATINA: revue mensuelle pour la propagande des peuples latins. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1342824>. Acesso em: 06 fev. 2025.

LE TEMPS. Paris, 05 avril 1909. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/cb34431794k/date>. Acesso em: 03 jun. 2024.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Correspondência de Machado de Assis*. Tomo III: 1890-1900. Coordenação e orientação Sergio Paulo Rouanet; reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

MACHADO DE ASSIS. *Mémoires posthumes de Braz Cubas*. Traduits du portugais par Adrien Delpech. Paris : Garnier Frères, Libraires-Éditeurs, 1911. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k855564b>. Acesso em: 12 maio 2024.

MACHADO DE ASSIS. *Quelques contes*. Traduits du portugais par Adrien Delpech. Paris : Garnier Frères, Libraires-Éditeurs, 1910. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k853799b>. Acesso em: 10 maio 2024.

Machado de Assis et son oeuvre littéraire. Discours prononcés à la Sorbonne, le 03 avril 1909. Avant-propos d’Anatole France. Paris : Librairie Louis-Michaud, 1909.

MOLIER, Jean-Yves. Uma livraria internacional no século XIX, a Livraria Garnier Frères. In: GRANJA, Lúcia; LUCA, Tânia de (orgs.). *Suportes e mediadores: a circulação transatlântica de impressos (1789-1914)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2018. p. 33-53.

OLIVEIRA LIMA, M. de. Machado de Assis et son oeuvre littéraire. In : *Machado de Assis et son oeuvre littéraire*. Discours prononcés à la Sorbonne, le 03 avril 1909. Avant-propos d’Anatole France. Paris: Librairie Louis-Michaud, 1909.

PACOTILHA. São Luís do Maranhão, 20 de outubro de 1909, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/168319_01/34104. Acesso em: 12 set. 2024.

O PAIZ. Rio de Janeiro, 1909. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 19 set. 2024.

PENJON, Jacqueline. *Memórias Póstumas de Brás Cubas* em francês, o papel negativo da latinidade. *Machado de Assis em Linha*, São Paulo, v. 16, p. 1-17, 2023. DOI 10.1590/1983-682120231627.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.

A *PROVINCIA: orgam do Partido Liberal*, Recife, 11 de setembro de 1909, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/128066_01/19995. Acesso em: 23 set. 2024.

PUJOL, Alfredo. *Machado de Assis: curso literário em sete conferências na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007.

ROZEAUX, Sébastien. Um brasileiro, homem de letras, em Paris: Francisco José de Santa Anna Nery (1848-1901). In: JOBIM, José Luiz et alii. *Diálogos França-Brasil: circulações, representações, imaginários*. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2019. p. 9-34.

TORRES, Marie-Hélène Cathérine. Tradução como (i)migração: Adrien Delpech, um dos primeiros tradutores de Machado de Assis. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, v. 51, n.3, p.107-118, out.-dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.18309/anp.v51i3.1414>.

VERÍSSIMO, José. Machado de Assis: impressões e reminiscências. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, ano II, n. 5, p. 151-163, março de 1957.

VIBERT, Paul. L'avenir de la race latine. *Latina* : revue mensuelle pour la propagande des peuples latins, Paris, nº 1, 10 juillet 1909, p. 3. Disponível em : <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1342824/f5.item>. Acesso em: 12 fev. 2025.